Será discutivel a prioridade dos Portuguezes no descobrimento da America?

Ouvi; que não vereis com vãs façanhas
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas
Que excedem as sonhadas, fabulosas.

LUSIADAS, CANT. I. 14

OR ventura estranhem os leitores cujos olhos passarem sobre esta pergunta provavelmente nunca d'antes levantada. E não obstante parece sahir affirmativa a resposta; pois de facto, ha pouco, appareceu n'um livro que, querendo tratal-a com critico rigor, não só discute mas sustenta essa prioridade. Por certo é um assumpto capaz de attrahir a attenção não só dos competentes, como tambem de todos os que accompanham com interesse o movimento das sciencias e lettras, e em particular dos que celebram o tricentenario da vinda dos Portuguezes ao Ceará

Affirmar e provar com argumentos irrespondiveis que se deve desterrar Colombo para a região das fabulas é quasi pretender o merito de ter descoberto uma America no mundo da historia.

Provoca, pois, este livro um desejo, uma sofreguidão de saber o caminho e os meios e documentos que collocaram o seu auctor na invejavel posição de poder applicar tão formidavel alavanca. Por certo não se esperam argumentos só fracos e susceptiveis de discussão, mas provas como muralhas de bronze, assentes sobre alicerces graniticos, contra as quaes qualquer supposição se quebra como fragil terrina. Espera-se que numa bibliotheca ou numa gaveta esquecida de envolta com outros documentos talvez julgados perdidos se encontre um documento que reforme por uma vez toda a historia do seculo XV. O titulo do livro é *A descoberta do Brazil*, por Faustino da Fonseca, Lisboa, 1900. Vejamos si satisfaz a espectativa que tem despertado.

1.

Depois de ter-nos trazido noticias sobre os conhecimentos pre-colombianos, todos conhecidos, como por exemplo, o mappa de Marco Polo e o de Martim Behaim, chega o autor á sua primeira importante conclusão na pagina 56: «Nada mais simples, diz Fonseca, effectivamente do que descobrir a America» e aproveitando-se de nossos conhecimentos post-colombianos affirma mais adiante: «sendo mesmo impossivel deixar de encontrar, depois da persistencia de alguns dias, essa costa que chegava de norte a sul, quasi de polo a polo, impedindo completamente o caminho, apresentando ao navegador por toda a parte uma barreira». Talvez que ao leitor já acudisse a lembrança do famoso ovo de Colombo.

Vamos, porém, ver argumentos mais solidos e mais positivos.

O *Esmeraldo de situ orbis* por Duarte Pacheco descreve a costa da America que se estende a setenta gráus de latitude da linha equinocial contra o polo arctico... e vae em vinte e oito graus e meio contra o polo antarctico.» E' verdadeiramente vistoso este argumento. Mas perde toda a força demonstrativa considerando-se que é só

doze ou treze annos depois do descobrimento por Colombo que foi escripto o *Esmeraldo.* Alem disso Humboldt qualifica de adivinhação esta então affirmada continuidade da costa Americana.

Sem entrar no exame da exactidão das diversas citações do autor, limito-me a observar que as conclue assim: «As viagens para o occidente formam uma verdadeira serie que constitue a mais brilhante documentação da prioridade da descoberta da America pelos navegadores de Portugal.» (p. 68).

Qual o valor historico deste asserto logo veremos. Como é sabido o nosso sabio e tantas vezes apregoado Papa Leão XIII, gloriosamente reinante, franqueou generosamente a todos os cultores da historiographia, sem differença de credo ou systema, os archivos do Vaticano, inculcando ao mesmo tempo os verdadeiros principios que devem presidir ás suas obras, que é a primeira lei da historia, que se não ouse dizer inexactidão alguma; e a segunda, que se não ouse calar uma verdade para não justificar suspeita de parcialidade (1). Em consequencia daquella concessão papal tem-se encontrado diversos documentos mui importantes para as investigações historicas. Das epistolas papaes recentemente achadas vê-se que o papa Nicoláu em 22 de Setembro de 1448 encarregou os dois bispos Scalholt e Holar da restauração da hierarchia na Groenlandia, interrompida por uma perseguição dos pagãos Esquimáos. Outrosim sabemos que já em 1418 os norueguenses proporcionavam a communicação entre os summos pontifices e as christandades da Groenlandia e provavelmente tambem da Vinlandia no norte da America. Da diocese de Gardar forneciam os dinheiros de S. Pedro consistindo em couros do gado e de phocas e de presas de cavallo marinho. (2)

---

(1) Breve do 18 de Agosto de 1883 ao então prefeito dos arch. Vatic. e depois cardeal Jos. Hergenrother.

(2) G. Gravier, Decouverte de l'Amerique par les Normands au X siecle. Paris 1874.

Só pela presença destas datas fica evidente que uma prioridade portuguêza quanto aos paizes do Norte da America não é mais discutivel e como menos sustentavel, visto que o proprio autor dá como primeira data e a mais recuada quanto á America septentrional o anno de 1449. (pag. 116).

Guardou, porem, em reserva argumento mais resistente a que dedicou um capitulo inteiro e que se intitula: *Os Corte-Reaes.*

João Vaz Corte-Real descobriu ao menos vinte annos antes de Colombo uma parte da America do Norte. Por conseguinte está provada a prioridade. E' o pensamento de Fonseca resumido em poucas palavras. Para provar este asserto cita um trecho do manuscripto de Gaspar Fructuoso, *Saudades da Terra*, de que só extrahimos o que se refere ao argumento do autor: «E vindo (como atraz tenho dito) João Vaz Corte-Real do descobrimento da *Terra Nova dos Bacalhaus* que por mandado de el-rei foi fazer, lhe foi dada a capitania d'Angra, da ilha Terceira, e da ilha de S. Jorge»... (pag. 76). Accrescenta depois algumas observações sobre Gaspar Fructuoso que nascido nos Açores em 1522, vivendo na séde das grandes explorações do occidente, convivendo com os companheiros e os contemporaneos dos Corte-Reaes, escrevendo no local onde a noticia destes trabalhos devia estar na memoria de todos e em documentos irrefragaveis, elaborando particularmente um manuscripto sem intenção de tratar dos descobrimentos, não tendo em mira estabelecer prioridade do descobrimento da America, é, conforme Fonseca, uma auctoridade incontestavel, e bastava para estabelecer de uma forma authentica a invenção da Terra dos Bacalhaus por João Vaz Corte-Real. E o auctor mesmo não sentiu o fraco desta demonstração?

Ao leitor perspicaz não terá escapado que um manuscripto não pode ser contestado pelos contemporaneos, circumstancia em que está toda a força desta argumentação; digo não podia o manuscripto de Fructuoso ser

contestado pela simples razão de não ter visto a luz publica?

Mas patrocina-o o padre Cordeiro na sua *Historia Insulana* e encontram-se indicações relativas ao velho Corte-Real em diversos mappas como no precioso Atlas de Fernão Vaz Dourado existente na Torre do Tombo que reza assim: *B. de João Vaz, Terra de João Vaz;* no mappamundi pintado em pergaminho por ordem de Henrique II rei de França, publicado no atlas Jomard lê-se *T. de la Vaz*, que parece corrupção de João Vaz: o mappamundi de Mercator tem por extenso: *Terra de Joam Vaz, Rio de Joam Vaz.*

Não trouxe nada de novo o autor. E como pensa a sciencia hodierna sobre este assumpto diga-o um dos seus representantes (1): «Não é nosso proposito, diz Oliveira Martins, entrar agora, nem na historia dos Corte-Reaes, nem na prioridade da descoberta da Terra-Nova. Está isto cabalmente feito (2); está demonstrado que João Vaz Corte-Real, o pai dos dois irmãos perdidos nos gelos das regiões arcticas, nunca descobriu á Terra-Nova, segundo a versão acceita pelos modernos que apenas se estribava numa affirmação erronea do pouco escrupuloso padre Cordeiro (3). O pae dos Corte-Reaes quando muito teria navegado para oeste dos Açores, porventura em demanda das Indias, e acaso o nenhum exito das suas pesquizas tivesse influido no debate desse problema, que preoccupou D. Affonso V e D. João II, a ponto de motivar a recusa deste ás offertas de Colombo.» Longe, pois, de ter arrancado a prioridade ao grande genovez, João Vaz teria talvez influido em roubal-a á sua patria.

Fouseca esforça-se muito por provar que o filho de João Vaz, Gaspar Corte-Real, continuara os descobrimentos

(1) Oliveira Martins, *Portugal nos mares*, pag. 235, Lisboa, 1889.

(2) E. do Canto, *Os Corte-Reaes*, mem. hist. Ponte-Delgada, 1883.

(3) *Hist. Insulana*, livro VI, c. 2, § 12.

nas regiões septentrionaes da America, sem todavia poder dar conta do exito das explorações deste. Entretanto podemos ainda auxilial-o na sua argumentação. Não conhece a carta maritima do celebre cartographo Waldseemueller. Não é culpa sua por ainda não ter sido publicada então (1). Pois bem, si não se sabe o que foi feito da pessoa de Gaspar, este mappa eternisou-lhe o nome, o tempo da sua viagem e outras circumstancias interessantes. Por baixo da ilha do Lavrador *(Terra Laboratoris)* e á direita da Terra-Nova o *Terra das Rochas*, acha-se o seguinte letreiro em latim (2): «Haec terra Coterati inventa est ex mandato regis Portugallie per Casparum Corterati (corrupção de Corte-Real) capitaneum duorum navium anno domini 1501 quam ob sui magnitudinem litoris plus quam 600 milliarum protendentis firmam esse opinabatur habet her pluralitatem magnorum fluminum en enim populosa gensqué huius habet domos ex maximis lignis construitis (?) quarum tectoria ex coriamentis piscium comparta. vestes eorum sunt de pellibus ferarum. quarum in estate pilos ab extra; in hieme vero ab intra vertentes portãt Sunt signati facie: tanquã indi. carent ferro et loco illius lapideis instrumentis utuntur. Magnã habent copiã lignorum de genere pini. etiã multos pisces Salmones Aleva & Strumulos.»

Mas nenhum dos cartographos antigos ou modernos por isso tem-se lembrado de attribuir aos Portuguezes a prioridade, nem tão pouco aos norueguenses ou aos inglezes que estavam tão convencidos da existencia de uma terra ao oeste da Islandia que segundo as informações do ministro hespanhol na corte britannica, de 25 de Julho de 1498, os habitantes do Bristol desde sete annos enviavam dois, tres, mesmo quatro caravélas para visitar, entre outras, a *Isla de Brazil*, que conforme os auctores era a

(1) Vide a nota A do Appendice.

(2) Taboa VIII na obra do P. José Fischer S. J. Die Entdeckungen des Normannen in Amerika. Freiburg i. Breisgau 1902.

terra de Markland (Terra-Nova). Os cartographos Ruge, Storm e outros affirmam que o nome *Isla de Brazil* nos mappas hespanhóes designa *ilhas ricas de matto.*

Tambem um interessante e importante documento do fim do seculo XV foi recentemente achado por Jelic; é do primeiro anno do governo do Papa Alexandre VI (1492-93) e do tempo do descobrimento da America por Colombo. Informa-nos que era grande a pobreza dos Groenlandios e tanta que apenas podiam sustentar-se de peixes seccos e leite. Não tinham mais bispo nem sacerdote; uma grande parte da população tinha recaido no paganismo. Os que tinham perseverado constantes na fé catholica possuiam como monumento da sua fé christã sómente os corporaes de que cem annos antes o ultimo sacerdote ou bispo se tinha servido para dizer a ultima missa. Já Innocencio VIII tinha por intercessão do cardeal Borgia, posteriormente papa Alexandre VI, preconisado bispo de Gardar ao monje benedictino Mathias. Quando papa, considerando a pobreza do generoso benedictino que queria arrostar todos os perigos, dispoz Alexandre VI que os papéis episcopaes fossem livres de direitos. (1)

Apoiado em seus estudos historicos chegou o padre Fischer S. J. á conclusão de que se deve decididamente regeitar a opinião que conduz o jovem Colombo á Islandia para instruir-se com o bispo Magnus de Skalholt sobre os descobrimentos dos Normandos na America septentrional. Mas tivesse Colombo tido as informações mais exactas sobre este commercio com a America do Norte, ter-lhe-hiam pouco aproveitado como se exprime Ruge com razão, pois *«seu alvo estava nos tropicos»* (onde nasciam as especiarias) *«e não nos polos.»* (2)

E', pois, facil para o leitor conhecer qual seja o

---

(1) J. Fischer, S. J. Die Entdeckungen etc. pag. 50.—Jelic, L. L'evangelisation de l'Amerique avant Christophe Colomb, Paris, 1891.—Vide Nota B do Appendice.

(2) Ruge, Weinlandsfahrten, pag. 13 cit. por Fischer, l. l. pag. III.

valor intrinseco da seguinte conclusão do Snr. Fonseca: «Mas o que fica irrecusavelmente demonstrado em face de tão claras provas e de tão seguros indicios é que João Vaz e seus filhos descobriram a Terra-Nova que durante muito tempo figurou nos mappas como Terra dos Corte-Reaes, e que o fizeram antes que Colombo chegasse ás Antilhas, servindo os seus trabalhos, as suas viagens, a sua importante descoberta de certificar ao feliz genovez a existencia das terras do occidente, das terras da America.» (p. 90).

Como pôde servir a quem procurava as Indias orientaes *onde nasciam as especiarias*, como o proprio auctor concedeu? Por certo não precisava da certidão da existencia de outra terra sepultada nos gelos das regiões arcticas.

2.

Supposta mas não concedida a prioridade quanto aos paizes septentrionaes da America, ella não affectaria o merito de Colombo.

Poderemos, pois, esperar documentos irrespondiveis, irrecusaveis achados recentemente e até agora desconhecidos que demonstrem ao menos a tão disputada prioridade no *descobrimento das Antilhas*, e de tudo quanto se tem comprehendido até hoje com esta palavra: descobrimento da America. Para logo dizer a verdade toda, não traz o auctor documento algum que de longe próve o seu asserto. Não apresenta um só documento novo ou até hoje desconhecido de alguma importancia. Não podendo recensear todos estes documentos, restrinjo-me aos que o auctor parece ligar maior importancia, como p. ex., a carta de doação de Fernão Telles, do conselho de Affonso V, de 28 de Janeiro de 1474, que diz, que «nos praz que, indo elle ou mandando seus navios ou homens ás partes do mar oceano ou alguem que por seu mandado a isso vá, lhe fazemos doação.... de quaesquer ilhas que elle achar ou aquelle a quem elle as mandar buscar novamente e escolher

para as haver de mandar povoar, não sendo porem as taes ilhas nas partes de Guiné...» Trata-se aqui só de ilhas que F. Telles não achou mas achar e em lugares assas indeterminados, porquanto a condição posta exceptúa as de *Guiné*, na costa da Africa; podem, por conseguinte, encontrar-se no caminho oriental. N'uma segunda carta de doação on confirmação da primeira e explicação: «com a condição que as ditas ilhas não sejam nos mares adjascentes a Guiné» não muda nada áquelle vago theor da primeira doação e o additamento: «cuidar que de serem achadas podiam vir grandes proveitos a meus reinos» não determina ou especifica nada; pois poderem vir grandes proveitos pode-se affirmar de ilhas ainda a descobrir e cuja existencia é ignorada, como se vê do texto da doação. Pasma, pois, o leitor depois destas indicações vagas ao topar immediatamente com esta illação do Snr. Fonseca: «Havia portanto, em 1475 perfeito conhecimento de terra da America,» ou umas linhas mais adiante com a seguinte: «Não se trata de vagas indicações, mas de coisas positivas, estabelecidas por um documento official. E tudo isto se passava, accentuemos sempre, 17 annos antes de Colombo partir.» (pags. 93-93). Não é admiravel?

Pelas relações de las Casas reproduzindo palavras e escriptos de Colombo se sabe que Antonio Leme na ilha da Madeira tendo corrido uma vez bom espaço ao Poente, tinha visto tres ilhas; e outro morador da Madeira que via cada anno uma ilha obteve doação de «uma ilha que ora vae buscar»; mas, que ilha fosse, si tomou posse della, ou si ao menos a achou, disso nada transpira.

Do mesmo quilate são os mais documentos que o auctor apresenta.

Dos direitos eventuaes d'um provavel descobrimento que se concederam a um navegador, conclue assim: «Tinha-se passado alguma coisa, conheciam quaesquer circumstancias que provocavam taes medidas, havia, portanto, conhecimento da terra firme, da terra da America...»

São desta força os arietes que devem arrombar a muralha da geral e bem fundada convicção. O que se dizia, e o auctor ainda hoje repete, do globo de Martim Behaim, natural de Nuremberg, o que explorou toda a costa da America do Sul, hoje em dia entre gregos e romanos não passa de uma simples invenção. (1)

Preparem-se, porem, os leitores para ouvir a ultima e decisiva prova do nosso auctor: «Um importantissimo documento, diz o Snr. Fonseca, a carta do Dr. Monetario (sabio allemão) a D. João II em 1493 (14 de Julho) aconselhando-lhe a que demande a India pelo caminho do occidente... confirma o conhecimento obtido pelos marinheiros portuguezes das terras da America.» O trecho da carta extrahida por Fonseca reza assim: «Abundam tambem a ti as abastações e riquezas e são a ti marinheiros muito sabios os quaes assim mesmo desejam ganhar immortalidade e gloria... terás tambem se te apraz para este caminho... o senhor Martim Bohemio... e outros muitos marinheiros sabedores que navegaram a *largura do mar* tomando caminho das ilhas dos Açores por sua industria, por quadrante chilindro e astrolabio e outros ingenhos, *onde nem frio nem calma os anojara; a mais navegaram a praia oriental* (2) (oriental da pretendida India, occidental da America) sob uma temperança (temperatura) mui temperada do ar e do mar.» (3)

E immediatamente continua o Snr. Fonseca: «Esta interessante carta elogiando a competencia dos marinheiros portuguezes punha em evidencia as suas navegações na costa da America.. » e mais seis linhas adiante: «São irrecusaveis estas noticias de contemporaneos, escriptas de mais a mais *sem a intenção de estabelecer prioridades em descobertas.*» (4) Pergunto somente: A competencia

---

(1) Vide Galanti, S. J. Compendio de Hist. do Brazil, tom. I. n. 10. S. Paulo 1896.—Meger, tom. II, Behaim.

(2) O grypho é do auctor.

(3) O grypho e os parentheses são do auctor.

(4) O grypho é nosso.

dos marinheiros portuguezes prova porventura seu conhecimento da America? Pois os outros marinheiros e Martim Behaim que navegaram a largura do mar são bem discriminados daquelles. E como ninguem se lembra nem se pode lembrar de estabelecer a prioridade de Martim Behaim e dos outros marinheiros, muito menos se pode pensar na dos Portuguezes. Basta para o leitor vêr com que especie de argumentos irrecusaveis lida o Snr. Fonseca.

Até supposto o descobrimento das ilhas no mar oceano ou no rumo occidente, supposto o conhecimento dellas por Colombo, isto não ajudava muito a elle que não pretendia directamente achar ilhas novas ou terra nova mas pelo lado do occidente somente chegar ás Indias já conhecidas. Que no caminho para lá se encontrariam em trajecto tão longo diversas ilhas podia suppôr e esperar.

Depois de arrastado por tantas paginas do seu livro, sempre a espera e em busca de coisa melhor, palpavel, nitida ou ao menos solida, chegamos cansados e enganados ao ultimo recurso, o capitulo «Colombo». Infelizmente é nova prova da insufficiencia do systema demonstrativo do Snr. Fonseca, pois nelle procura deprimir e desabonar o merito e o character do descobridor da America.

3.

Para pôr a nossa questão na plena luz da evidencia, passemos em rapida revista alguns argumentos de outra ordem, a chamada indirecta.

Fôsse facto historico a prioridade dos Portuguezes no descobrimento da America, em vez de despresarem o projecto de Colombo como inexequivel, deviam ter dito: Para que *agere actum*, descobrir outra vez o que ha já vinte annos descobriramos? Mas nada disto. Na côrte de Lisbôa taxavam de impraticavel o plano do genovez. Fôsse facto historico a dita prioridade, devia ser tão conhecido como depois o era o descobrimento de Vasco

da Gama ou o de Alvares Cabral e não se explica a opposição encontrada por Colombo nas cortes de França, da Inglaterra e tambem da Hespanha, não como a uma coisa já feita mas impossivel; e só depois de oito longos annos conseguiu de Isabel a Catholica o auxilio indispensavel.

Se fôsse tão facil a Colombo a sua obra depois da supposta prioridade — « Nada mais simples, diz Fonseca, effectivamente do que descobrir a America » — como explicar-se o desanimo da tripulação, a sua revolta e a prisão do almirante? Como é que apezar de seus conhecimentos communicados por elle a Las Casas e publicados pelo mesmo, este considera como operada por auxilio de Deus «*a tão grande façanha*» de Colombo?

Conforme narra Schaefer (1), durante as negociações do navegador genovez com a corte portugueza tinha esta por conselho do bispo de Ceuta, D. Diogo Ortiz, sob pretexto de povoar as ilhas do Cabo Verde, enviado uma caravela no rumo do poente indicado por aquelle. Porem por falta de animo e de conhecimentos sufficientes viram-se obrigados a voltar em poucos dias. Os de volta tão pouco gloriosa começaram agora a desacreditar e ridicularisar o emprehendimento do seu rival. Este indignado de tão pouco leal e tão astuto procedimento deixou, resolvido a quebrar para sempre as negociações, a sua patria adoptiva.

Na volta da primeira viagem foi o almirante hespanhol contra sua vontade levado por um temporal para a embocadura do Tejo. Os cortezãos de Lisbôa queriam continuar o papel incetado com elle e tentar o extremo para livrar-se do molesto rival; porem D. João II, generoso, recebeu-o com honras e mostras de grande estima em sua residencia de Valparaiso. Estes factos historicos fazem irremediavelmente cahir a these do Snr. Fonseca.

---

(1) Dr. Schaefer, *Geschichte Portugal's*, tom. III, p. 161. Esta obra goza de grande auctoridade como de uma das historias melhores e mais criticas de Portugal.

Com sua these não combinam a admiração e o enthusiasmo com que em toda a Europa e particularmente na Hespanha foi recebida a fausta nova do descobrimento de Colombo.

Sua viagem do porto de Palos até Barcellona, a côrte das Magestades Catholicas, foi uma ininterrompida pompa triumphal atravez da Hespanha. Fernando e Isabel reconheceram-lhe os extraordinarios meritos por uma recepção esplendida, tratando-o como fidalgo hespanhol de alta cathegoria. Primeiro deve-se acabar com estes factos historicos antes de poder entrar em discussão a these do Snr. Fonseca.

A these implica até com o descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral. Si já antes de Colombo, como diz o auctor, «as indicações geographicas são mais precisas, são exactas, apresentam a *verdadeira situação da America*» (pagina 102), Cabral não descobriu o Brazil. Fonseca mesmo sentiu a difficuldade e soube reservar-se uma sahida dizendo que «de facto reconheceu o monte Paschoal, o Porto-Seguro...» Mas ouçamos todo esse trecho interessante: «Mas dizer que Pedro Alvares Cabral descobriu o Brazil em 1500 não quer dizer que antes d'elle não fosse conhecido qualquer outro ponto do grande paiz da America do Sul, cuja unidade geographica estava constituida desde os limites do Tratado de 1494. A palavra descobrir não se usava então no sentido absoluto e geral em que se usa hoje. Cabral de facto reconheceu o monte Paschoal, o Porto Seguro, algumas leguas da costa, e chamou ao todo Terra de Vera Cruz. Desde que não achou occupada nem apadroada esta região considerou-a descoberta, isto é, *reconhecida por elle*. A palavra descobrir usava-se no sentido de reconhecer.» (pag. 250). Desta forma foi collocar-se Fonseca em alternativa assaz fatal; de duas uma: Ou temos a prioridade, isto é, a costa da America do Sul e por conseguinte o Brazil conhecido já antes de Colombo, e Cabral não descobriu o Brazil, hypothese contraria ao celebre facto historico, ou então os Portuguezes não descobriram a costa da Ame-

rica antes de Colombo e cahe o thema do auctor. Si se tivesse conhecido antes de Colombo a costa da America do Sul a ordem que recebera Cabral não devia mandar-lhe evitasse as calmarias tomando rumo mais para o oeste, como realmente rezava; mas sim aproasse a costa sul-americana para refrescar. (1)

Finalmente, estudando-se a carta de Caminha em que elle annuncia «a el-rei a nova do *achamento* desta vossa terra *nova* que se ora neesta navegaçon *achou*», é impossivel que uma investigação seria e conscienciósa atinja á prioridade ante-colombiana. Descreve aquella carta os indigenas como totalmente desconhecidos ao rei; si a America fosse descoberta anteriormente, Caminha teria tido conhecimento, si não precisamente deste trecho brasileiro ao menos de outros da costa sul-americana e então teria feito comparações entre a costa brasileira e as outras, fazendo comparações entre ellas, si os indigenas eram diversos ou parecidos com os já conhecidos, etc. Mas nada disto.

Resumindo dizemos, pois, que a prioridade defendida pelo Snr. Fonseca não foi provada nem directa por documentos irrecusaveis nem indirectamente, mas sim vai de encontro a diversos factos historicos de cuja realidade historica nenhum homem sisudo duvida, e assim sahiu indiscutivel e insustentavel perante uma sciencia seria e solida.

Com a phrase que prefixou a seu livro como divisa: «...longe de pedir indulgencia, pedirei aos homens competentes a severidade para com este escripto» aguçou effectivamente a espectativa dos leitores mas não o justificou de sorte que nos occupou mais com um sonho:

---

(1) Capistrano de Abreu, que trata questões connexas com a viagem, nem se lembra de tocar em uma duvida sobre o feliz descobrimento por Pedr'alvares, mas diz simplesmente: «No meio da viagem seduzido pelos feitiços do céo e pelos afagos do vento, *dera em terras por que não esperava*» (O descobrimento do Brasil pelos Portuguezes por Capistrano de Abreu, Rio de Janeiro, 1900, p. 82).

Quanto por nós é passado
começa-me a parecer
um sonho mal apagado,
coisas de tão pouco ser
como serras indistinctas
ao longe entre um nevoeiro.
E eu cuido tresver; que tintas
entre o falso e o verdadeiro! (1)

Occupou-nos mais com um sonho do que com uma realidade, um sonho de que nos devia pedir perdão pelo tempo gasto com o já citado poeta:

And this weak and idle theme
No more yielding but a dream
Gentles, do not reprehend!

4

A gloriosa e admiravel nação Portugueza não tem necessidade de mendigar glorias duvidosas ou mal fundadas, que póde bem dispensar; e quem assim procurava augmentar-lhe a fama, grande desserviço lhe fazia. Pode-se entretanto perdoar cego e lodo enthusiasmo patriotico.

Os Portuguezes são uma nação moderna e em certo sentido ella preparou as condições do nosso mundo moderno. Si ao depois foi indirectamente prejudicada pela influencia dissolvente do protestantismo, pode gloriar-se em frente delle de que foi uma pequena nação catholica a primeira na vanguarda do progresso moderno, e que rasgou os horizontes de cujas largas vistas, de cujas luzes e irradiações todas as nações ainda hoje participam. «Os Portuguezes, simples pescadores até o seculo XIII, começaram a constituir marinha mercante no seculo XVI, tendo por mestres Genovezes, o grande povo navegador

(1) Shakspeare, Midsummer night's dream.

do mar Tyrrheno. A marinha crescia sadia e mostrou seu valor brilhantemente em 1415, na tomada de Ceuta, sob o reinado de D. João I. Seu filho, o infante D. Henrique teve a intuição que o futuro da patria estava nos mares e com o prestigio, que lhe dava a gerarchia, com os recursos abundantes da ordem de Christo de seu mestrado, para o oceano desconhecido volveu todas as cuidações» (1). D. Henrique foi o heroe pertinaz e duro, a cuja força Portugal deveu a honra de preceder as nações da Europa na obra do reconhecimento e vassalagem de todo globo» (2). Tinha fincado o pé no promontorio de Sagres em frente das terras do Mar Tenebroso, para, como atalaia do velho mundo, espreitar o grande momento proprio de acordar o novo, com o olhar perscrutador na immensidade do oceano de dia e na mudez da noite a interrogar os mappas e antigos documentos para levantar aquelle véo que cobria mais do que a metade do mundo.

Conquistar o Mar Tenebroso foi a primeira tarefa de Portugal, que se desempenhou della guapa e heroicamente. Para lhe avaliar o alcance, é preciso relembrar toda essa muralha de preconceitos, fabulas, ignorancias e terrores que dominavam então os espiritos que em nosso respeito não souberam nada» (3). Conheciam apenas a metade do mundo e por seculos se mantinha estacionaria essa acanhada sciencia. Si os cartographos entregues a uma invencivel rotina copiavam constantemente os antigos mappas, só pouco influiram nos retardados conhecimentos geographicos os adiantados dos Arabes. Noções superficiaes da redondeza da terra faziam acreditar que os navios em certos pontos do mar desciam um plano in-

---

(1) Capistrano de Abreu, O Descobrimento do Brasil pelos Portuguezes, Rio 1900, p. 56.

(2) Oliveira Martins, Hist. de Portugal. Lisbôa 1894, I t. p. 167. 5.ª edic.

(3) Esmeraldo de situ orbis. cit. por Capistrano de Abreu. Descobrim. p. 59.

clinado, uma ladeira, donde era impossivel voltar. Taes e outros absurdos impediam tambem aos ousados até de pensar em aventurar-se ao longe e ao terrivel desconhecido Mar Tenebroso, este pezadêlo dos antigos. Para uns existia na linha equinocial a zona torrida em que o carro do sol chegava tão perto que queimava tudo; para outros era a região ao sul do Atlas e para ainda outros todo o hemispherio austral. A maior auctoridade geographica affirmava que o continente da Africa attingia o polo antarctico sem dar passagem ou communicação com o oceano indico considerado uma lagoa mediterranea.

O Atlantico—foi elle o Mar Tenebroso—consideravam-no quasi completamente innavegavel por semeado de escolhos e de pouca profundidade e estar cheio de vasa e lodo, outros pelo contrario por elevarem-se as vagas á altura de montanhas e abrirem insondaveis abysmos quando agitadas por ventos furiosos; quando porem estes estavam prezos em certas cavernas entrava perigosa calmaria. Povoavam este mar de prodigios, de terrores e monstros; cobriram-no de vapores densissimos e ao mergulhar o sol nas aguas qual ferro em braza commovia-se o mar em terrivel ebulição.

Ainda depois dos descobrimentos portuguezes fingiam ilhas habitadas sómente de virgens, outras de povos monstruosos, gigantes uns, liliputanos outros, amazonas, hermaphroditas, homens com a cabeça ou antes a bocca no seio, os olhos nos hombros, sem lingua, com quatro olhos, sem orelhas ou com orelhas tão grandes que a gente podia envolver-se nellas como em capa, com labios tão grandes que serviam de guarda-sol. Rodeiavam as ilhas com sphinges, sereias, satyros, basiliscos, dragões e outros monstros. Os mais audazes navegadores encontravam em toda a parte padrões com legendas e os mappas levavam taes indicando os limites ou o fim da terra que não era licito ultrapassar; p.' ex. numa ilha tinham levantado tres estatuas, negra uma, outra verde e a terceira amarella intimando ao arriscado navegante que voltasse. No Mappa de Marco Polo (1298) «o mar da noite, impos-

sivel de se transpor, marca o fim do mundo no sul e no norte começa a terra da noite.»

Dissolver todos esses densos preconceitos, despresar erros seculares e arraigados, arrostar de animo imperterrito esses tremendos espectros e tenebrosos phantasmas por certo sómente corações robustos e valorosos, como eram os antigos Portuguezes, tanto podiam. «Para correr o mar, diz Fonseca, em demanda de novas terras era preciso desprezar os ridiculos medos dos antigos, encarar de animo forte as visões tenebrosas, levar adiante da prôa das caravelas os tremendos phantasmas que tiveram por seculos e seculos a Europa prisioneira; não consentir nos roteiros, nos mappas uma só das lendas, uma unica indicação que as navegações posteriores não viessem confirmar.

Portugal desvendou o oceano em todos os sentidos, regressou do cabo Não, esmagou as serpentes do Bojador, zombou dos monstros do mar das trevas, dissipou os vapores, desfez as intrincadas vegetações, riu-se das temerosas legendas, das erectas columnas impassiveis, das medonhas estatuas aterradoras, fel-as em pedaços e foi erguendo padrões em seu lugar.» (p. 24)

E disse: O' gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas,
. . . . . .
Pois os vedados terminos quebrantas.

Lusiad. C. 5. E. 41.

O mesmo cantor das façanhas nacionaes, porem, não occulta os trabalhos que soffreram, os apuros por onde passaram, as angustias que as apertaram:

Ora imáginai agora, quão coitados
Andariamos todos, quão perdidos.
De fomes, de tormentos quebrantados.
Por climas e por mares não sabidos

E do esperar comprido tão cansados
Quando a desesperar já compellidos
Por céos não naturaes, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

Mas nunca entregaram-se ao desespero nem desmentiram o seu valor:

Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme e obediencia. (II. E. 72)

Com razão, pois, arranca-se ao espirito que tudo isso contempla a exclamação admirativa:

...houve no mundo
Gentes que taes caminhos commettessem? (E. 86)

O homem, porem, «a quem tudo se devia», o infante D. Henrique tinha no principio de luctar com todos aquelles erros e preconceitos no meio de seu proprio povo. «As dispendiosas chimeras do infante, diz Cantú (1) eram objecto de zombaria para os espiritos frivolos, mas affrontando os preconceitos populares e os erros dos doutos, não decorria um anno sem que expedisse um navio com ordem de passar adiante do logar onde tinha ficado o que partira anteriormente» (1). Espalhava noções nauticas no seu paiz, chamou o mestre Jacomo da ilha Maiorca, homem experimentado na arte de navegação e que fazia mappas e instrumentos, e em união com elle elevou estes conhecimentos a grande sciencia. Não é inverosimil que o infante esboçasse as primeiras cartas nauticas ou marinhas. Seria interessante saber como elle applicava e melhorava a sciencia mathematica e ensinava primeiro como deixar a costa e ousar-se ao mar alto, governando com firmeza as caravelas.

(1) Hist. Univ. livro 14, cap. 3.

O poderoso impulso dado por D. Henrique conservou-se em Portugal e particularmente na côrte. Affonso V entregou-se ao estudo da astronomia e apparece até como auctor neste ramo de sciencia; João II funda um sociedade ou instituto scientifico com a tarefa de espalhar no seu reino conhecimentos nauticos, mathematicos e geographicos, de simplificar os instrumentos em uso e os methodos da cosmographia pratica, de inventar e idear novos e melhores e assim pelo aperfeiçoamento das sciencias relativas promover e facilitar os emprehendimentos maritimos e os descobrimentos. Nesta sociedade de sabios figuravam os dois bispos de Ceuta e de Viseu. Schaefer (1) reputa provavel que da mesma sociedade foi inventado o astrolabio nautico. Barros (2) affirma que a reducção ou simplificação das taboas do sol, da lua e das estrellas sahiu da mesma fonte. Em cada caso deve-se a João II a applicação do astrolabio para a navegação observando-se ao meio dia de bordo do navio a altura do sol sobre o horizonte (3). O rapido progresso que fizeram por esta invenção a nautica e a navegação, archivou a historia com lettras de ouro como merito singular de D. João II,...«quod beneficium totam Europam Joanni debere, inficiari non potest» (4). O feliz D. Manuel fundou uma cadeira de mathematicas em Lisbôa (1518). Francisco de Mello occupou um lugar eminente na historia das sciencias mathematicas; escreveu sobre cosmographia, optica e perspectiva e morreu bispo preconisado de Gôa. O maior mathematico da peninsula Iberica e um dos maiores que floresciam no seculo XVI na Europa era Pedro Nunes cosmographo do reino, a gloria da cadeira de mathematica em Coimbra. Escreveu diversas obras, entre ellas uma de cunho original «De crepusculis», mas a unica

(1) Geschichte Portugal's, tom. III, pag. 75.
(2) Dec. I. livr. IV, cap. 2.
(3) Schaefer, l. c. pag. 165.
(4) Tellesius Sylvius, de rebus gest. Joannis II.

«De arte atque ratione navegandi» bastava para assegurar-lhe uma eminencia scientifica.

Ha entre os povos, e especialmente os maritimos, alguns que se disputaram a hegemonia nos mares e que tem tido a vocação de proporcionar o commercio e a communicação das nações do globo. Como no antigo mundo os phenicios, os gregos e os romanos isso se reservaram, assim na era christã depois de mais de meio mil annos ficar estacionario entre os Byzantinos passou o sceptro dos mares ás republicas maritimas da Italia, dellas para o Portugal, de Portugal para a Hespanha, desta para a Hollanda e desta para a Inglaterra. Mas entre todas ellas o pequeno Portugal, «nequaquam minima», como insinúa o celebre egreja-navio de Belem, onde os seus navegadores pediram o auxilio do céo para seus emprehendimentos, toma este pequeno povo de gigantes uma posição elevada, por ter-se primeiro senhoreado dos mares e em particular pela façanha de Vasco da Gama: «Todos estes successos ligados com a conquista da India tornam o seu descobrimento um facto europeu, um facto a que se vae prender a moderna historia.» (1)

Portugal, nascido da guerra santa das cruzadas, tomou o curso que uma mão superior lhe tinha traçado: conquistar aquelles povos envolvidos nas trevas do paganismo para accender-lhes a luz do Verbo e plantar o estandarte da fé. Os reis entraram com tanto zelo neste curso que parece que era a aspiração principal de suas grandes empresas maritimas de que se fazem echo os auctores, como Caminha, que escreveu a D. Manoel: «o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber: o accrescentamento da nossa Santa Fé.» «A obra maravilhosa da creação do globo, que pisamos, foi por muito tempo desconhecida á maior parte dos seus habitadores, isolados, dispersos e separados por diversas regiões, até que uma nação, tão pequena em territorio como grande pela gentileza das suas

(1) Roteiro da Viagem de Vasco da Gama, Prologo XVI.

façanhas, já no ultimo quartel do seculo XV deu ao mundo o espectaculo mais grandioso, abrindo por entre mares procellosos não conhecidos, povoados não só de perigos reaes, mas ainda de phantasmas fabulosos, que a imaginação do homem tinha creado, uma nova estrada para o Oriente, para o abrilhantar com os mais heroicos feitos, levando a luz do Evangelho até os confins da terra, arvorando a Cruz sobre as ruinas da mais barbara e estupida idolatria, estendendo a escola de um vastissimo e dilatadissimo commercio e ligando os povos por novos e mutuos laços de concordia e civilisação. Si o primeiro homem passou absorto ao contemplar as obras da creação dos sete dias, não foi menos o assombro de uma grande parte de seus descendentes, quando, rasgando-se o véu que cobria tantas ignorancias, viram de subito alargar-se o mundo, e apparecerem novos astros, novos climas, novas raças, nova vegetação, novos usos, novos costumes; mas tambem, triste fatalidade das cousas humanas, novas precisões, novas enfermidades e novos elementos para a morte! Do alto do Vaticano abençoou logo o Pae commum dos fieis os nobres esforços e a ousadia dos soldados de Christo e da civilisação, e as boccas mais eloquentes dos estrangeiros se abriram voluntarias para victoriarem a acção estupenda da nação grandiosa, instrumento do mais glorioso acontecimento que jamais se inscreveu nos annaes dos povos » (1)

Concluamos com um eloquentissimo trecho do auctor do *Oriente*: ...E tu, grande Nação portugueza, chegaste aos limites e confins da Terra. Onde se aperta o Erithres, onde se empola e se arrebata o Indo, onde se esconde o Nilo, onde se espraia o Ganges, onde se precipita o Mecon, onde espuma e soa o Camboja, onde se dilata o Amazonas, onde se accende o Equador, onde se congela o Antarctico, onde se tempéra, onde se amacia

(1) Juromenha, Obras de Luiz de Camões, Lisboa, 1860, vol. I, pag. I.

o Cancro, onde se fertiliza o Indostão, onde se embalsama Ceilão, onde ardem os volcões de Ternate, onde arranca os diamantes Visapur; onde os Andes sobem ás nuvens, onde referve o Congo, onde em ouro se coalhão os campos de Sofala; ahi vive o teu nome, e se temem (se ainda se lhes escuta o estrepito) as tuas armas. Tanta grandeza, tão vasta dominação, tão espantoso circulo de Imperio tu o deves ao esforço e militares virtudes daquelles Heroes, que entre os mais afamados invejara e cubiçara Roma para seus filhos, e que emquanto no Mundo se der preço á virtude, serão nelle estimados, e nomeados, conservando na memoria, e na tradição dos seculos o pedestal firmissimo da estatua da tua fama.»

A não ter existido Portugal talvez ainda seculos tivessem escoado vagarosos pelos paramos do tempo sem descobrir-se a America. Porem quão differente teria então sido o curso do mundo e da sua historia! Toda a historia universal seria outra, uma metade do mundo desconhecida: a velha Europa teria dirigido para a Asia e a Africa sua expansão colonial. Sim o pequeno povo de Portugal estava destinado pela divina Providencia a imprimir rumo e curso ao universo. A não ser Portugal tambem não era o Brazil, não era o Ceará; pelo que seus filhos hoje manifestam, ovantes, seus sentimentos de gratidão pela feliz e fausta vinda dos primeiros Portuguezes como pela protecção especial da divina Providencia.

Porto Alegre.

P.e Carlos Teschauer S. J.